

Inflação alcançará nível histórico, diz N.Y. Times

Novembro será o mês da maior inflação na história brasileira, diz o correspondente Peter T. Kilborn, em matéria enviada ao *N.Y. Times* sobre a situação econômica do Brasil. Os aumentos salariais semestrais decretados pelo governo estarão entrando em vigor, forçando o salário mínimo mensal de 41 dólares — segundo a atual taxa cambial, que no entanto está modificando-se constantemente — para 68 dólares.

Os preços, diz o jornalista, aumentam em percentagens menores de cada vez, mas os aumentos são mais constantes. Os cigarros recentemente aumentaram dez centavos de dólar. As contas de luz aumentaram 35% este mês, no quinto aumento verificado este ano.

A elevação dos preços foi de quase 14% apenas durante outubro. Com isto, explica, a inflação brasileira atingiu um índice anual de 200%, o que equivale ao dobro do nível que levou as Forças Armadas a derrubarem o governo civil em 1964, e é quase quatro vezes maior do que o índice garantido por Brasília ao Fundo Monetário Internacional, para até o fim do ano que vem, em troca de ajuda financeira.

Ninguém é capaz de mostrar com algum grau de certeza os motivos pelos quais isto aconteceu no Brasil ou em qualquer outro dos focos de hiperinflação da América Latina —

Argentina, Chile e Uruguai. Mas entre os economistas brasileiros existem poucas dúvidas de que os aumentos do preço do petróleo na década de 70 contribuiram para a situação, e que as elevadas taxas de juros nos Estados Unidos e os gastos do governo brasileiro foram fatores de grande importância.

Também existe pouca dúvida de que o Brasil possui um índice básico de inflação de aproximadamente 40% que parece ser imune à ação governamental. Além disso, fala no problema da correção monetária, que com o aumento de novembro já atingiu o nível de 137%.

Por causa da correção monetária e da inflação, os brasileiros nunca sabem o que estarão pagando pelas suas prestações de casas, ou o que estarão conseguindo nas suas contas de poupança. Mesmo assim, os brasileiros pouparam — 14% do PNB, o que equivale a cerca de três vezes a porcentagem equivalente nos Estados Unidos.

O correspondente do *N.Y. Times* informa ainda que os brasileiros mais ricos estão encontrando maneiras de ficar flutuando. Muitos resolveram ingressar no mercado de ações. O seu índice liderante que, já aumentou 275% no decorrer deste ano, cresceu 32% somente em outubro. Muitos também investem em uma **commodity** que consideram melhor do que o ouro: o dólar.